

Os Seres da Lama

Ricardo Puccetti
Lume

Texto extraído de diário de trabalho de 1990. Impressões sobre um fazer teatral que busca o encontro de um outro tipo de ator: aquele que se constrói a cada dia, no confronto consigo mesmo a partir de seu treinamento técnico pessoal. A procura de sentido naquilo que se faz e o preencher de vida as ações. A necessidade de, através do trabalho teatral, mergulhar na própria solidão de nossa individualidade, para descobrir o material que nos permitirá construir a ponte entre o ator e as “testemunhas” que estão na platéia.

Chuva forte. Muita água despencando sobre a terra, penetrando-a. Água e terra se juntando, formando uma massa viscosa e densa. Sou um ser da lama. Por todos os lados, a perder de vista, o barro escuro e monótono; palpitante e, por vezes, cruel. Em muitos momentos hostil, e em outros, familiar como nossa própria casa. Não estou sozinho; junto a mim estão outros seres que também têm no barro sua maneira de viver. Somos diferentes. Nem melhores, nem piores. Apenas diferentes. Espalhados por nosso corpo, olhos, narizes, bocas, orelhas, mãos, pés, línguas, pelos. O roçar da lama com qualquer parte do corpo traz sensações incríveis. Passamos os dias a amassar o barro, não apenas com as mãos, mas com o corpo todo. Este é nosso cotidiano, a tentativa de transformar o barro grosseiro, cheio de resíduos e impurezas, numa substância sutil e delicada. Não é uma tarefa fácil e muitas vezes somos derrotados por ela. Não nascemos sabendo lidar com o barro, temos que viver para aprender. Viver e amassar a lama, simultaneamente. Precisamos acordar nossa percepção, porque se ela não for exigida, acaba ficando embotada. O amassar do barro é um ato individual e solitário na sua essência. Cada ser da lama tem que encontrar o seu modo pessoal de sentir e tocar o barro. É preciso estar impregnado da necessidade de transformar o barro. Esta é uma conquista individual e apenas os que conseguirem mergulhar na lama por si sós, vão poder suportar a presença e a proximidade de outros seres da lama. Sem esta individualidade se é

sugado pelo barro, no isolamento dos demais seres e, com o tempo, se perde a capacidade de sentir e o sentido pessoal do amassar. Então, o amassar do barro torna-se insuportável e vazio. Mas, para aqueles que têm a coragem de enfrentar o barro solitariamente, é agradável a presença de outros seres da lama. A atividade torna-se infinitamente mais prazerosa e ao mesmo tempo mais fluida e produtiva. Uma verdadeira dança, o amassar coletivo do barro. Uma promiscuidade de individualidades, na mistura dos diversos jeitos de sentir e tocar a matéria básica. Além do contato com o barro, existe o esfregar de corpos contra corpos, ampliando a gama de sensações. O amassar transcende o caráter de mera atividade a ser executada, tornando-se uma conversa entre seres que possuem um sentido para o que estão fazendo, mesmo sendo estes sentidos tão distintos e pessoais. Sentidos que quase sempre só têm significado para nós mesmos e que podem se modificar de um instante para outro.

Em certos momentos, algum “amassador” pode ter a necessidade de se isolar. Ele precisa novamente reencontrar o seu sentido pessoal para continuar amassando o barro; recuperar sua coragem para enfrentar a escuridão e a umidade da lama. Depois, ele volta para os companheiros. A respiração do grupo é dinâmica, um contínuo movimento de atração e repulsão, proximidade e respeito ao espaço alheio.

Atravesso o barro. Levanto os olhos e vejo o caminho percorrido.

Para onde vão os seres da lama conforme se afundam mais e mais no barro?

Será que nós, os seres da lama, só conseguiremos transformar o barro em barro, mesmo se com uma consistência mais suave?